

LIBRAS NO ENSINO MÉDIO: METODOLOGIA ATIVA E INCLUSÃO

Mylena Rodrigues Araujo¹
Ellen Lopes de Paula Von Glehn²
José Carlos de Oliveira³

RESUMO

O presente resumo tem como objetivo apresentar a ação que foi desenvolvida a partir Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), cujo foco foi a realização de atividades em Libras com alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Joaquim Saraiva. Por se tratar da primeira atividade, foram realizadas discussões e reflexões entre os bolsistas do programa e a supervisora responsável, a fim de definir uma metodologia que seria capaz de unir teoria e prática. Como estratégia, buscamos promover a inclusão linguística e utilizamos a metodologia ativa e o ensino participativo. Realizamos um jogo, que se chama “Imagem e Ação”, que possibilitou aos alunos colocarem em prática, de forma divertida, o que aprenderam na teoria. O jogo foi estruturado da seguinte forma: a turma foi dividida em dois grupos e, por meio de um celular ou notebook, eram exibidos personagens previamente selecionados. Cada aluno deveria representar, em Libras, as características físicas do personagem sorteado para que seu grupo pudesse identificá-lo. Caso algum integrante do grupo adversário reconhecesse a resposta, deveria manter-se em silêncio, a fim de não interferir na pontuação. A dinâmica seguiu até que todos os personagens fossem apresentados, o grupo vencedor foi o que obteve maior pontuação. Durante o jogo, cada aluno que acertasse o nome do personagem ganhava uma bala. A aplicação do jogo corroborou para a consolidação da aprendizagem dos alunos, evidenciando a relevância de o docente refletir continuamente sua prática em sala de aula. A experiência demonstrou que o processo de ensino-aprendizagem pode ocorrer de maneira leve e significativa, possibilitando ao professor constatar que o conteúdo foi aprendido pelos estudantes. Durante a atividade, observou-se que os estudantes compreenderam e internalizaram os sinais das Libras e que vivenciaram o aprendizado de forma prazerosa.

Palavras-chave: Libras, Inclusão, Metodologia Ativa, Aprendizagem.





INTRODUÇÃO

A Lei de nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto de nº 5.626/2005, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. O referido Decreto estabelece que a libras deve integrar os cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia como componente obrigatório, a fim de assegurar a formação de profissionais capacitados para garantir um ensino verdadeiramente inclusivo.

O Decreto prevê o ensino bilíngue, no qual a primeira língua deve ser a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa deve ser a segunda. Nos contextos em que o ensino bilíngue não é ofertado, é obrigatório a presença de intérpretes de Libras em sala de aula. No entanto, apesar dos avanços legais e do reconhecimento a Libras, a língua é percebida como distante para a maioria dos estudantes de escolas públicas e privadas. Observa-se que, diante das demandas, muitas instituições de ensino não dão a devida atenção às necessidades dos alunos surdos.

Nesse sentido, o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) mostra-se de grande relevância, pois proporciona aos estudantes do ensino básico a oportunidade de entrar em contato com a Libras de forma prática e significativa. Durante as atividades realizadas com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, foi possível perceber que a maioria não tinha conhecimento sobre a história da Libras e desconheciam que a Libras é a língua oficial dos surdos.

Diante desse cenário evidenciou a necessidade de ações pedagógicas que promovam a inclusão linguística. Dessa forma, neste estudo foi realizado uma intervenção com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, com foco na Libras, visando promover a aprendizagem ativa e a inclusão

Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa com Domínio de Libras da Universidade Federal – UFU mylena69821@email.com;

² Mestra em Letras da Universidade Federal de Uberlândia- UFU ellen.glehn@educacao.mg.gov.br;

3Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, carlosoliveira@ufu.br.





METODOLOGIA

A natureza desta pesquisa é qualitativa, do tipo Pesquisa Ação, cujo objetivo foi promover a inclusão linguística por meio de práticas educativas que estimulem a reflexão crítica e o interesse dos alunos pelo aprendizado da Libras. O estudo foi desenvolvido no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), por meio do núcleo Letras/Libras.

A oficina foi conduzida com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joaquim Saraiva, em Uberlândia, com duração total de quatro horas/aula. Durante as atividades, foram abordados temas como alfabeto manual, números, saudações e apresentações pessoais, priorizando-se a prática intensiva por meio de slides, exercícios interativos e dinâmicas.

Entre as estratégias de ensino, destaca-se a aplicação do jogo “Imagem e Ação”, no qual os alunos foram divididos em duas equipes. Cada equipe utilizava o vocabulário e os sinais das cores previamente aprendidos para representar a imagem disponibilizada no computador, enquanto os colegas tentavam adivinhar o que estava sendo apresentado. Essa atividade estimulou a observação, a memorização, a expressão corporal e as expressões não manuais.

A avaliação ocorreu por meio de observação dos participantes e análise qualitativa do desempenho dos alunos durante as atividades. Foram avaliados aspectos como a participação, engajamento e interação dos alunos.

Ressalta-se que, de acordo com as diretrizes institucionais, não houve a necessidade de aprovação formal por comitê de ética, pois a pesquisa envolveu apenas atividades pedagógicas em sala de aula.

Além disso, a pesquisa respeitou as normas éticas aplicáveis, garantindo que todas as imagens e registros utilizados contassem com o consentimento da professora supervisora responsável pelo projeto na escola.



REFERENCIAL TEÓRICO

LIBRAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E LEGAIS

Segundo Strobel (2008), na Idade Antiga, os surdos eram venerados na Pérsia e no Egito; acreditava-se, nessa época, que eles tinham contato direto com os deuses. Em contrapartida na Grécia e em Roma, os surdos eram lançados de penhascos e, quando escapavam, tornavam-se escravos. Durante a Idade Média, eram tratados como objetos, sem direitos civis, como casamento ou a herança, e muitos surdos eram assassinados pelos próprios familiares. Já na Idade Moderna, o filósofo Girolamo Cardano demonstrou que os surdos eram capazes de aprender.

Essa trajetória de exclusão de social contrasta significativamente com a perspectiva da comunidade surda, que desenvolveu uma identidade e cultura própria e uma percepção de surdez distinta da dos ouvintes. Os surdos tem uma percepção sobre a surdez totalmente diferente dos ouvintes. Para eles, o nascimento de uma criança surda é motivo de alegria na comunidade; para muitos ouvintes, ter um filho surdo é sinônimo de frustração.

A história dos surdos é marcada por muita luta e resistência, pois, durante séculos, foram privados de utilizar sua língua materna. Esse período, de acordo com Strobel (2008), é marcado pela proibição da língua de sinais o que contribuiu fortemente para o aumento do preconceito linguístico com a comunidade surda.

No contexto brasileiro, a década de 1980, ocorreu um forte movimento de surdos em defesa do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como língua legítima e autônoma.

Para Quadros e Perlin (2006), esse movimento foi decisivo para a criação da Lei nº 10436, de 24 de dezembro de 2002, que reconhece oficialmente a Libras como meio legal de comunicação e expressão. Posteriormente, a lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que tornou obrigatório o ensino de Libras em cursos de formação de professores e de Fonoaudiologia, além de instituir diretrizes para a educação bilíngue.





O reconhecimento legal da Libras firma a importância da Língua Brasileira de Sinais para a comunidade surda como língua materna e para os ouvintes como segunda língua, o que é essencial no contexto escolar.

Gesser (2012), defende que é de extrema importância o ensino da Libras na educação básica, não apenas para a comunicação, mas para formar uma sociedade inclusiva e para superar o preconceito linguístico. No entanto, o cenário atual muitas vezes coloca os alunos surdos inseridos em ambientes com ouvintes que não dominam a Libras, comprometendo o desenvolvimento integral do estudante, incluindo os aspectos linguísticos, cognitivos e socioemocionais.

É neste ponto que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma política governamental que fomenta a atuação de estudantes de licenciatura em escolas públicas, se mostra relevante. Neste contexto, o núcleo de Letras Língua Brasileira de Sinais, ligado à Licenciatura de Letras Portuguesa Com Domínio de Libras (LPDL), propõe uma ação que visa exatamente contribuir para sanar essa falha.

A função deste núcleo é, precisamente, favorecer um ambiente reflexivo que relacione teoria e prática, criando estratégias capazes de promover o engajamento de alunos ouvintes Ensino Médio no aprendizado da Libras como L2. Para atender essa demanda e garantir um aprendizado significativa, a intervenção pedagógica adotou as metodologias ativas, que serão detalhadas a seguir.

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE LIBRAS

As escolhas pelas metodologias ativas no ensino de Libras justificam-se na necessidade de romper padrões tradicionais de ensino. Moran e Bacich (2018) definem as metodologias como abordagens pedagógicas que transferem o foco do processo de ensino-aprendizagem do professor para o aluno (p.27). Nesta perspectiva, o estudante é colocado no centro, exercendo um papel de protagonista de sua própria aprendizagem, já o professor é mediador, o docente desenvolve diferentes estratégias de ensino para construir o ensino de forma ativa e prática.





A Libras é uma língua visual-espacial, ou seja, o uso do corpo e das expressões faciais são elementos gramaticais necessários para dar emoção, marcar pontuação e intensificar o sinal (Quadros; Perlin, 2006). Essas características demandam prática, o que nem sempre é possível

em aulas expositivas tradicionais. As metodologias ativas favorecem o aprendizado da libras de forma efetiva.

Existem diferentes estratégias para aplicar as metodologias ativas no ensino de Libras, como a sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos, gamificação. Um exemplo prático foi o jogo utilizado com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, intitulado “Imagem e Ação”. Nesse jogo, os estudantes representam sinais enquanto os colegas, com base no conhecimento adquirido previamente, tentam adivinhar os personagens por meio das cores e sinais aprendidos.

Nesse sentido, o jogo estimula a observação, a memorização e as expressões não manuais, que são aspectos cruciais para a comunicação da Libras. Assim, a gamificação mostra-se uma ferramenta poderosa para promover o ensino da Libras de forma divertida e significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados durante a oficina de Libras permitiu organizar em categorias, relacionadas ao desempenho dos alunos e à efetividade das metodologias ativas aplicadas. As categorias definidas foram:

1. Participação e engajamento: frequência e intensidade da participação dos alunos nas atividades e no jogo.
2. Domínio do vocabulário e sinais: capacidade de reproduzir corretamente sinais do alfabeto, números, saudações e cores.
3. Uso de expressões não manuais: utilização de expressões faciais e corporais para complementar a comunicação.
4. Colaboração e interação entre pares: cooperação entre alunos durante o jogo e nas atividades em grupo.



A seguir, apresenta-se uma tabela resumindo os resultados observados durante a oficina:

Tabela: Resultados da Oficina

| Categoria | Observações/Desempenho | Frequência |
|-------------------------------------|---|-------------------|
| Participação e engajamento | Alunos participaram ativamente das atividades e da dinâmica | Alta |
| Domínio do vocabulário e sinais | Sinais produzidos corretamente, especialmente cores e saudações | Média-Alta |
| Uso de expressões não manuais | Expressões faciais e corporais utilizadas de forma adequada | Média |
| Colaboração e interação entre pares | Cooperação e ajuda mútua observadas durante as equipes | Alta |

Fonte: Dados coletados pela autora

Os resultados, mostram que as metodologias ativas, especialmente com o jogo “Imagem Ação”, favorece a aprendizagem da Libras de forma significativa. A categoria de participação e engajamento, constatou que os alunos se envolveram ativamente, validando o que Moran e Bacich (2018), apontam sobre o aluno centro do ensino.

O domínio do vocabulário e sinais, evidenciou que a prática e aplicação de atividades dinâmicas e divertidas facilitam a memorização e a reprodução dos sinais, como foi destacado por Quadros e Perlin (2006) sobre a importância da vivência direta na aprendizagem de uma língua visual-espacial.





Já a categoria que contempla o uso de expressões não manuais, demonstrou que, embora os alunos tenham aprendido os sinais, muitos ficam tímidos para utilizar as expressões não manuais, reforçando a necessidade de atividades que estimulem as expressões, o corpo e o olhar.

A colaboração e interação entre pares, revelou que atividades em grupos junto à gamificação, promove um ambiente mais inclusivo com interações e incentivo ao uso da língua de forma espontânea e divertida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que as metodologias ativas são ferramentas que realmente funcionam para o aprendizado da Libras. O jogo “Imagem e Ação” demonstrou-se efetivo para a inclusão linguística e o reconhecimento da cultura surda, permitindo que os alunos surdos e ouvintes interagissem de forma significativa

Observou-se que a aprendizagem da Libras em contextos bilíngues, quando mediada por estratégias ativas, gera impactos positivos na inclusão social, favorecendo a comunicação entre surdos e ouvintes. Além disso, atividades dinâmicas como o jogo aplicado estimulam a memorização, expressão corporal e uso de sinais não manuais, elementos essenciais para proficiência na Língua visual-espacial.

Os resultados indicam que as metodologias ativas no ensino da Libras não apenas melhora o aprendizado linguístico, mas também contribui para a construção de uma educação mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

QUADROS, R. M.; PERLIN, M. J. Língua de sinais: uma introdução à Libras. São Paulo: Parábola, 2006.





MORAN, J. M.; BACICH, L. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 2018.

STROBEL, M. História da educação de surdos: da Antiguidade aos tempos modernos. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de dezembro de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de dezembro de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2005.

